

DEUS UM CACHORRO E EU

Deborah Hedstrom

Nunca me dei bem com cachorros. Eles latem, e eu fico afagos, e eu me aflijo com as pulgas, portanto fui totalmente surpreendida quando Deus colocou um cachorro em minha vida.

Tudo começou quando minha filha casada veio até aqui em casa e desfechou: "Não diga não até que eu acabe de explicar".

Como tinha experiência, pois havia mais de 20 anos era mãe de quatro filhos, já sabia que um pedido persuasivo estava pres-tes a ser feito. Olhei para minha filha que, embora sentada, estava bastante inquieta e disse: "Tudo bem! Sou toda ouvidos!".

Como lhe dei a oportunidade de expor seu pedido, as palavras saíram aos borbotões:

- Você sabe que Nathan e eu compramos um cachorro, não é mesmo? No entanto, não podemos ficar com ele em nosso aparta-mento. Como outros inquilinos têm cachorro em casa, pensamos que poderíamos ter um, mas recebemos um aviso de que só é possível ter cachorros com mais de um ano - explicou-me.

Fez uma breve pausa para respirar um pouco, e arrematou seu pedido com as seguintes palavras:

- Só precisamos de um lugar até conseguir um novo local para morar. Vamos nos mudar logo que der. Você pode deixá-lo no quintal. Nós traremos a comida para ele e cuidaremos dele.

Não sei bem a razão, mas concordei. Talvez fosse pelo fato de minha filha estar grávida. Qualquer que tenha sido o motivo, Perry veio parar em meu quintal.

Nesse ponto, os que apreciam cachorros podem até achar que já sabem o que aconteceu depois, mas não foi bem isso o que ocorreu. Não fui vencida por um focinho preto e aveludado e uma cauda sempre abanando, todos os dias, à porta de tela. Eu o alimentava de manhã, certificava-me de que tinha água e, de vez em quando, fazia-lhe um afago. Mas nunca cheguei a fazer mais do que isso!

Após manter os cachorros a distância por 45 anos, duvi-dava que o tratamento que dispensava ao Perry mudaria algum dia. Para suportar uma casa vazia sem os filhos que já haviam tomado seu rumo, comecei a empregar toda minha energia para manter a casa perfeita. Deus sabia que essa "perfeição" jamais preencheria o vazio em meu coração, portanto empurrou Perry para fazer parte de minha vida.

Depois de algumas semanas que o filhote estava em casa, percebi que ele parou de comer. Depois, que ele vomitara no quintal. Chamei minha filha e seu marido, embora soubesse que, com o trabalho que tinham e com o que ganhavam, não poderiam ajudar. No entanto, enquanto decidíamos o que fazer, eles confessaram que se esqueceram de vacinar o filhote. Temi pelo pior, mas disse: "Ele provavelmente ficará bom em alguns dias".

Mas ele não melhorou. Ao contrário, um dia, logo que levan-tei, deparei com um cãozinho tão fraco, que mal conseguia manter-se em pé.

Quando tentou, sua cauda peluda, que normalmente se curvava para cima, bem acima de seu dorso, ficou caída entre as pernas traseiras. Embora ele não significasse nada para mim, sua doença me deixou com o coração sufocado. Quando me dei conta, percebi que estava pensando na doença e na morte de meu marido dez anos antes e sabia que não poderia deixar esse cachorro morrer. Comecei a chorar e coloquei o cãozinho no carro.

Minhas lágrimas fizeram com que o veterinário pensasse que eu era extremamente ligada ao animalzinho.

- Ele tem parvovirose - disse-me ele. - Essa doença ataca o aparelho digestivo e geralmente leva à morte.

Perguntei-lhe o que deveria fazer, mas ele me disse que isso dependeria de minha decisão. Dilacerada por minhas recordações, e cônica de que esse cãozinho pertencia à minha filha, concordei com a internação por três dias para que fosse tratado pelo veterinário.

Três dias depois, Perry voltou para casa comigo. Embora estivesse bem melhor, era possível ver suas costelas sob a pele flácida e caída. Seu estado de saúde inspirava cuidados e, por-tanto, ele não poderia ficar lá fora, apesar de eu ainda me preocupar com os germes e as pulgas. Ao olhar para o cãozinho, tão fraco, resolvi que lhe daria um banho.

Nunca havia lavado um animal em minha vida e não tinha a menor ideia de como começar. No entanto, havia um boxe para o chuveiro, e a mangueira do chuveirinho era bem longa. Abri o boxe e chamei o cãozinho. Perry veio e submeteu-se a tudo - ao banho com xampu, ao enxágue, à toalha para secá-lo - sem a menor resistência.

Aliviada, pois sabia que não haveria pulgas espalhadas pela casa, eu estava mais propensa a deixar o cãozinho dentro de casa. No entanto, naquela noite fiquei preocupada, pois não queria que Perry pulasse para a minha cama. Disse-lhe que isso seria um abuso. Ele foi até a porta do quarto e se deitou ao lado dela. Na manhã seguinte, quando acordei, Perry permanecia ali, guardando a entrada do quarto. Senti-me muito segura, e isso me surpreendeu. Desde a morte de meu marido e a época em que meus filhos saíram de casa, embora não sentisse muito medo, eu tinha plena consciência de que era uma mulher sozinha. Com a presença de Perry, senti-me menos vulnerável.

De repente, apesar de não saber nada sobre o cuidar e o treinar cachorros, vi-me às voltas com essas atividades. Toda vez que tinha alguma dúvida, eu chamava meu genro, mas, na maioria das vezes, tentava resolver tudo sozinha. Outras vezes, quando me dava conta, estava conversando com Perry: "Será que você gostaria de comer frango hoje?", ou: "Vamos andar mais um quarteirão?", ou ainda: "Está vendo este vidro cheio de coisas deliciosas? Bem, toda vez que fizer suas necessidades lá fora vai ganhar uma delas!".

Minha filha e seu marido vinham com bastante frequência à minha casa, mas com a chegada do bebê, com a impossibilidade de mudar de apartamento e com o turno de trabalho alternado, decidiram deixar Perry comigo. Esse cãozinho se tornou mais e mais uma companhia para mim. De manhã, ele se deitava perto de mim enquanto eu fazia os serviços domésticos e, depois, ficava ansioso à espera de nossos passeios.

Fiquei satisfeita quando o cãozinho esquelético engordou e se tornou um cachorro bonito, que muitas pessoas paravam para admirar. Ele

era mestiço, pois o pai era um husky e a mãe um shar pen. Havia certamente puxado mais a seu pai, mas da mãe herdou a cor dourada e o ar expressivo.

Perry, porém, não foi o único que mudou. Certo dia, observei que já não me apressava para lavar as mãos toda vez que o afagava. Brincava com ele, jogando algo para que fosse buscar e trazer de volta, e até permitia que, de vez em quando, a casa ficasse um pouco bagunçada. Nem eu acreditava no que estava acontecendo. Sorri muito no dia em que percebi que não mais me orgulhava das trilhas totalmente organizadas que deixava no

canto após aspirar o pó. Perry as apagava assim que eu as fazia. Minha casa, que um dia fora impecável, tinha brinquedos de borracha espalhados pelo chão e vasilhas para servir água e comida na cozinha.

Minha filha e seu marido já sabiam que agora Perry era tanto -ou quem sabe até mais -meu cãozinho quanto deles. Contudo, embora ainda não pudessem mantê-lo com eles, meu genro relutava em dar-me o cãozinho. Eu compreendia sua atitude, mas ela me abalou. Coloquei a coleira em Perry e saí para nosso passeio. Caminhava e orava: "Senhor, afeiçoei-me sobremaneira a esse cãozinho. Será muito penoso o dia em que tiver de devolvê-lo. Vou colocá-lo de novo no quintal, pois, mais uma vez, tenho de me acostumar a ter uma casa vazia".

Quando terminei de falar, parece que Deus sussurrou: "Você deixará que o medo a impeça de desfrutar a alegria que eu trouxe à sua casa por intermédio desse cãozinho?".

Perry virou-se e olhou para mim, quando comecei a chorar. Recuperei o controle e enxuguei as lágrimas na manga de meu moletom. Daí, disse ao cãozinho: "Tudo bem! Não se preocupe! Eu ficarei com você o tempo que o Senhor quiser, mesmo que isso signifique algum sofrimento quando tivermos de nós separar".

Quatro anos depois desse dia, eu ainda estou com o Perry. Com o tempo, meu genro percebeu que um cachorro grande não é apropriado para quem mora em um apartamento. Um dia, ele me disse: "O cãozinho é seu, minha cara!".

Não sei o exato momento em que percebi que Deus entendia o ,vazio que eu sentia e me ajudou a preenchê-lo. No entanto, fico surpresa quando penso em como o Senhor orquestrou os eventos para que, após 45 anos de: "Sai pra lá, seu cão!", eu chegasse a apreciar sobremaneira o abanar da cauda que me saúda todas as manhãs.